

Histórias da Cultura Popular na Paisagem Digital e a Mediação por Símbolos Midiáticos¹

Marilaine Martins Camargo²

RESUMO

Este artigo é parte de uma investigação que tem como objetivo analisar a presença das histórias da tradição oral na paisagem digital. Numa perspectiva folkmediática, analisa como narrativas digitais sonoras utilizam referências do imaginário midiático com o objetivo de estabelecer relações com histórias tradicionais. Utiliza a análise de conteúdo para examinar os podcasts *Cidade das Lendas* e *Pavulagem*. Os resultados apontam para novelas, séries, filmes e jornais sendo mobilizados como estratégias discursivas. Esse uso contribui para a ampliação de repertórios e tensionamento de questões relacionadas a violências simbólicas e estruturais comunicadas pelas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas digitais; folkcomunicação; cultura popular; mediação simbólica; podcast.

CORPO DO TEXTO

Aproximar histórias passadas de geração para geração e que tradicionalmente foram transmitidas em contextos familiares e comunitários, de um público cujos limites já não são geográficos é um movimento que transforma não apenas os modos de contar, mas também os sentidos dessas narrativas. Ao serem transpostas para o mundo digital, histórias da cultura popular que carregam marcas de experiências coletivas e de valores culturais são também atravessadas por linguagens e símbolos midiáticos contemporâneos.

O presente artigo³ parte desse cenário para investigar como essas narrativas digitais mobilizam elementos do imaginário midiático como telenovelas, séries e outras produções culturais amplamente conhecidas como referências discursivas que ajudam a estabelecer relações de sentido com o público. No contexto mais amplo da comunicação digital essas referências são convocadas não apenas como ilustrações, mas como estratégias de aproximação simbólica capazes de ancorar o conteúdo narrado em experiências midiáticas compartilhadas. Nos podcasts que compõem o corpus da pesquisa

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, mídias regionais e diversidade cultural, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Mestra em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário Unibrasil. E-mail: mari.mcamargo@gmail.com.

³ Este artigo desenvolve um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Entre mundos: histórias da tradição oral transpostas para o formato podcast*, orientada pela Prof^ª Dr^ª Mônica Cristine Fort e coorientada pelo Prof^º Dr^º Marcio Telles, aprovada em março de 2025.

essa mobilização assume formas diversas: desde associações espontâneas feitas pelos narradores até a inserção de trechos de áudio, leituras dramatizadas ou reflexões guiadas que dialogam com a memória afetiva do ouvinte. Com isso, compreende-se o uso do repertório midiático como um recurso expressivo que tensiona a fronteira entre tradição oral e cultura de massa, favorecendo a circulação e a atualização das narrativas populares no meio digital.

Nesse contexto, busca-se compreender como narrativas da cultura popular, ao serem transpostas para o meio digital, acionam repertórios consolidados no imaginário midiático como parte da construção de sentido em suas formas de circulação e atualização. O objetivo, portanto, é analisar como essas referências midiáticas são mobilizadas nas narrativas digitais e quais funções cumprem na articulação entre tradição e mediação contemporânea.

Articulado ao campo da folkcomunicação, conceito formulado por Luiz Beltrão (2001), o estudo acompanha os deslocamentos das expressões e comunicações populares para os ambientes digitais e adota a perspectiva proposta por Osvaldo Trigueiro (2008) que amplia o escopo da teoria ao observar as interações entre elementos da cultura popular e os meios de comunicação de massa. Para o autor, a folkmídia não é apenas a presença da cultura popular nos meios, mas envolve a apropriação criativa e tensionada que os sujeitos populares fazem das tecnologias e linguagens midiáticas (2005). Essa perspectiva permite pensar como as histórias da cultura popular oriundas da oralidade tradicional transpostas em suportes digitais mobilizam repertórios midiáticos amplamente compartilhados, como telenovelas, filmes e séries, no processo de narrar. Entendendo os podcasts analisados a partir da noção dos ativistas folkcomunicacionais, conforme proposto por Trigueiro (2008), considera-se que ao narrar histórias vinculadas às culturas e territórios dos quais fazem parte, os produtores dessas narrativas digitais atuam como mediadores simbólicos que mobilizam repertórios midiáticos amplamente compartilhados. O interesse do estudo, portanto, está em refletir, à luz dessa perspectiva, sobre como essas escolhas narrativas interferem nos sentidos atribuídos às histórias populares, tensionando representações cristalizadas e atualizando simbolicamente a cultura tradicional em sua circulação digital.

A análise de conteúdo foi adotada como abordagem metodológica, voltada à investigação de produções digitais que reelaboram narrativas oriundas da cultura popular.

O corpus é composto pelos quatro episódios do podcast Cidade das Lendas e pelos doze episódios da primeira temporada de Pavulagem, selecionados por suas propostas narrativas que articulam tradição oral e elementos contemporâneos. A partir da escuta analítica, foram definidas categorias que orientaram a identificação das referências midiáticas mobilizadas nos episódios.

No total, foram observadas 15 articulações explícitas com repertórios culturais e midiáticos distintos: 2 com textos jornalísticos, 2 com séries, 2 com telenovelas, 3 com filmes, 2 com livros, 9 com músicas populares, além de ocorrências envolvendo o uso de ferramentas de busca como recurso narrativo e interpretativo.

A análise dos episódios evidencia que a presença de referências midiáticas é um recurso recorrente na composição das narrativas. Esses elementos são acionados não como simples citações, mas como estratégias que favorecem a atualização simbólica das histórias e a aproximação com o ouvinte.

Nos episódios analisados, observam-se diferentes formas de integração dessas referências ao longo das produções. Novelas, filmes nacionais e estrangeiros, séries da TV aberta e de plataformas digitais, livros, textos jornalísticos e até autores e diretores de cinema surgem como pontos de ancoragem discursiva. Esses repertórios são incorporados aos roteiros de múltiplas maneiras: por meio da inserção de trechos sonoros, da leitura dramatizada de roteiros ou pela mediação do próprio narrador, que estabelece conexões diretas entre o conteúdo midiático e as histórias populares.

Ao incorporar esses repertórios à narrativa dos episódios, as produções mobilizam referências midiáticas como parte da construção do enredo promovendo movimentos intertextuais que ora aproximam e ora contrapõem os diferentes universos simbólicos. Uma evidência desse tipo de aproximação ocorre em *Cidade das Lendas*, quando o filme *Bacurau* é evocado como chave para introduzir a atmosfera da cidade de Icó e suas histórias.

Alguém com certeza já deve ter perguntado algum dia pra você: ‘E aí já viu Bacurau? Mulher, tu precisa ver Bacurau’ e aí se você não vê essa pessoa vai te obrigar a ver. (...) Esse podcast se chama Cidade das Lendas, porque assim como Bacurau existe um município no interior do Ceará em que os acontecimentos são sentidos e contados pelo povo de uma forma particular. Estou falando do Icó, isso mesmo Icó e suas lendas (Podcast Cidade das Lendas, 2021, A Lenda da Baleia).

Outro exemplo significativo ocorre quando, no episódio sobre os festejos do Senhor do Bonfim no Icó (Podcast Cidade das Lendas, Senhor do Bonfim, 2021), a

apresentadora realiza a leitura de um artigo da jornalista Isabel Gurgel, publicado no jornal *O Povo*. O texto é lido integralmente, com cadência e entonação que reforçam o caráter poético e sensível da descrição. Nesse caso, a referência midiática não atua como contraponto, mas como extensão do sentimento coletivo, ajudando a traduzir em linguagem jornalística a dimensão simbólica e afetiva que atravessa a festa. A leitura do trecho: “*Todo dia primeiro de janeiro, 5 horas da tarde, o tempo se torna sagrado em Icó*” funciona como uma forma de reconhecimento e legitimação da experiência local, transformando o artigo em um dispositivo de mediação entre memória, território e narrativa. A presença desse repertório amplia os sentidos da festa contada, articulando a voz da imprensa à escuta poética do cotidiano.

Em outros casos, porém, ocorrem movimentos de (re)significação, nos quais as referências são articuladas de forma a tensionar os sentidos atribuídos às histórias. O uso das referências midiáticas nesses contextos ocorre com maior frequência em narrativas que evidenciam camadas silenciadas da memória popular e dialogam com as histórias sem anular os sentidos tradicionais, mas colocando-os em relação a outras possibilidades de compreensão.

“Nas pesquisas para o Pavulagem, eu fui entendendo como o boto pode arruinar a vida de muitas mulheres, aí eu percebi que existe um lado sombrio do Don Juan amazônico e que o tal príncipe das águas não é tão príncipe assim” (Podcast Pavulagem, Boto, o príncipe das águas, 2022). No episódio do trecho em questão, a faceta não apreciada do encantado é ilustrada a partir de um diálogo entre personagens da novela *A Força do Querer*, exibida em 2017, pela Rede Globo. Esses exemplos evidenciam como as produções não apenas recorrem a repertórios da mídia de massa, mas os utilizam como recursos interpretativos que ampliam os sentidos das narrativas populares. Ao tensionar símbolos tradicionais com linguagens contemporâneas, os episódios atualizam a escuta e deslocam o lugar do ouvinte: não mais apenas receptor da tradição, mas sujeito implicado na sua reinterpretação.

Outro exemplo em que um produto midiático é usado para introduzir uma problemática - também relacionada à violência de gênero - aparece no episódio *Bebê Macaco, o Filho do Mal* (Pavulagem, 2022):

Você já ouviu falar no filme *O Bebê de Rosemary*? (...) Numa noite, Rosemary fica meio tonta sonolenta e tem um apagão. Ela sonha que está sendo estuprada por uma espécie de espírito demoníaco que tá possuindo o marido dela e outros homens conhecidos. (...) Não sei se o diretor e roteirista do filme, Polanski,

andou pela Amazônia antes de escrever essa história, mas o fato é que a gente tem a nossa própria versão do Bebê de Rosemary. Apesar disso, não sinto motivo de orgulho nenhum. Aqui esse espírito mal intencionado não aparece sob a forma de homem, mas de bicho (Podcast Pavulagem, 2022, Bebê macaco, o filho do mal).

A aproximação entre as duas narrativas não apenas situa a lenda dentro de um repertório cultural mais amplo, mas também desloca o olhar sobre o que está sendo contado. A narrativa não se limita a estabelecer um paralelo entre os enredos; há uma tentativa de evidenciar que essas histórias não são apenas mitos distantes no tempo ou no espaço, mas expressões de vivências que seguem atravessando o cotidiano.

Eu fico sempre pensando na riqueza que são todas essas histórias no patrimônio cultural que é guardado sem o merecido reconhecimento por essas pessoas incríveis, os contadores de histórias populares e penso mais ainda nas mulheres contadoras. (...) Que às vezes têm as histórias como um recurso, uma estratégia de sobrevivência, em meio a tanta violência de gênero e sexual (Podcast Pavulagem, 2022, Bebê macaco, o filho do mal).

Ao serem incorporados dessa maneira, esses repertórios midiáticos ampliam as possibilidades de leitura simbólica, sugerem paralelos interpretativos e ajudam a questionar representações cristalizadas. Assim, a mídia de massa aparece como horizonte de significação compartilhado, atravessando as histórias contadas e contribuindo para a construção de vínculos afetivos e críticos entre narrador, narrativa e ouvinte.

A análise evidencia portanto, que a presença de referências midiáticas nas narrativas não apenas amplia repertórios ou estabelece conexões culturais, mas atua como recurso discursivo que revela deslocamentos importantes na forma como certas histórias populares são recontadas. Ao longo dos episódios, esses deslocamentos aparecem de maneira especialmente marcante quando questões relacionadas ao gênero são mobilizadas. Embora não se trate de um recorte temático assumido pelas produções como um todo, é justamente nesse ponto que se concentram os tensionamentos mais expressivos. A presença de personagens femininas silenciadas e histórias atravessadas por violências naturalizadas são retomadas não apenas para serem repetidas, mas para serem relidas. Ao aproximar esses conteúdos de repertórios midiáticos contemporâneos, os episódios provocam camadas de interpretação que atualizam sentidos, confrontam estereótipos e, em certos momentos, propõem outras formas de narrar. Resultado esse que não surge de uma intenção declarada, mas se impõe na escuta e revela que o digital, longe de apenas reproduzir tradições também pode ser lugar de confronto e reinterpretação simbólica.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares da informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CIDADE DAS LENDAS (podcast). 1º temporada. 2021. Spotify. Acesso em: dez de 2023.

PAVULAGEM (podcast). 1º temporada. 2022. Spotify. Acesso em: dez de 2023.

TRIGUEIRO, O. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: Ed.UFPB, 2008.

TRIGUEIRO, O. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 3, n. 5, 2005. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/issue/view/806>. Acesso em: 15 set. 2024.